

30/04/89

# O ESTADO DE S. PAULO CADERNO 2

ANO IV NÚMERO 949 □ DOMINGO, 30 DE ABRIL DE 1989

## “Kuarup” mostra que o risco vale a pena

Competência, cinco milhões de dólares e as paisagens do Xingu transformam o filme de Ruy Guerra em sucesso, antes mesmo de sua exibição no Festival de Cannes

Inês Castilho  
Especial para o Estado

Quando, na noite de 22 de maio, as primeiras imagens de **Kuarup** tingirem com as cores quentes do Alto Xingu a tela do **Palais du Festival**, em Cannes, grupos de militantes ecológicos, do lado de fora, estarão fazendo uma manifestação política pela preservação da Amazônia. Em São Paulo, na mesma noite, o filme deverá estar sendo exibido em pré-estréia. Na semana seguinte, em circuito nacional, ele poderá ser visto por todos os brasileiros.

Dar ao público nacional a oportunidade de ver **Kuarup** simultaneamente à sua projeção para celebridades cinematográficas de todo o mundo — tais como Wim Wenders, Peter Handke, Liliana Cavani, Ettore Scola, Jane Fonda, Francis Coppola, Meryl Streep e Hector Babenco, entre outras tantas presentes ao Festival — revela uma especial consideração com as platéias brasileiras, pouco usual em produções, como esta, voltadas para o mercado internacional. E também uma rara competência no trato com essa obscura área do cinema nacional, a distribuição.

Competência, na verdade, é o que não faltou na realização de **Kuarup**. Em um investimento de alto risco, cinco milhões de dólares da empresa privada foram colocados a serviço de uma aventura que envolveu cerca de 400 pessoas, mais de 100 técnicos e 300 índios, entre atores e figurantes, das tribos iawalapiti, kamaiurá e kuikuro. As locações, arriscadas, exigiram o apoio de aviões do Exército, como ocorreu em Aripuanã, norte de Mato Grosso, onde foram feitas filmagens fluviais e dentro da selva. E a construção de uma quase cidade em meio ao Parque Nacional do Xingu, onde foi montado um acampamento de cem barracas com luz elétrica, banheiros de água quente e cozinha de boa qualidade, com refeições diárias para 200 pessoas. Para lá foram transferidos equipamentos de alta tecnologia, como uma grua Phanter computadorizada, uma moviola, uma câmera Arriflex BL 4 com olho eletrônico e terminais de computador. Um ou dois vãos diários faziam a ligação entre o Xingu e Goiânia.

Nesse encontro da tecnologia com o mundo sagrado das tribos, estava em questão o delicado relacionamento entre brancos e índios. Em troca de sua participação no filme, eles receberam as instalações elétricas e hidráulicas da produção para o posto Leonardo Villas Boas (onde não há nem água), duas balsas e seis barcos a motor, além do pagamento em dinheiro aos atores e figurantes. Sobre o resultado, diz Roberto Fonseca: “É um filme com imagem, som e música impecáveis, e um poder mobilizador muito grande, como indica a manifestação ecológica de grupos europeus prevista para o festival”.

Os acidentes, de diversos tipos, foram superados pelo trabalho da equipe. As acusações da Funai, de exploração dos índios, não encontraram apoio na realidade; eventuais desentendimentos com os índios foram resolvidos; o diretor Ruy Guerra caiu da grua, mas não sofreu nenhum problema. Um incêndio, em que se perderam várias latas de negativo e fitas de som virgens, todas as fitas já gravadas e parte do figurino, não chegou a atrasar as filmagens; e os problemas com o funcionamento da grua foram resolvidos com a vinda de técnicos estrangeiros.

O filme é baseado no romance **Quarup**, de Antônio Callado, editado em 1967 pela Civilização Brasileira e já traduzido para o francês, o inglês, o alemão, o italiano e o espanhol. Tem início em 64, quando o ex-padre Nando (Taumaturgo Ferreira) é preso pelas forças policiais do golpe militar. Durante o interrogatório, ele rememora o isolamento vivido em um mosteiro do Recife, o impacto que sentiu no primeiro contato com os índios e a crise existencial que o levou a tornar-se missionário no Alto Xingu e envolver-se com amor de Francisca (Fernanda Torres) e as lutas camponesas do início dos anos 60, abandonando a Igreja.

“O filme se passa em um período da história brasileira que ainda não está terminado”, diz o produtor Roberto Fonseca, que prevê para **Kuarup** uma carreira marcada pela polêmica. “Ele mexe com assuntos atuais e sensíveis, como a ecologia, a política indigenista, o celibato clerical e os valores morais da Igreja. Mexe também com a política, ao reviver episódios como o suicídio de Getúlio, a renúncia de Jânio e o golpe de 64.”

Para Fonseca, ganhar ou não ganhar Cannes tem importância secundária, já que a participação do filme no festival, por si só, é suficiente para valorizá-lo com os distribuidores internacionais. Propostas de distribuição na França, Itália, Alemanha e Estados Unidos já estão sendo estudadas, mas os contratos só serão fechados durante o festival. Uma estratégia cautelosa de valorização do produto, como a definiu Fonseca, que corresponde ao enorme esforço financeiro e operacional contidos em cada uma de suas latas.



Foto: Paulo Marcos

Há 12 anos trabalhando em comércio exterior, o economista Roberto Fonseca adquiriu “uma sensação muito viva” do que o mercado externo deseja, culturalmente, do Brasil. Amante do cinema, ele decidiu investir em produções em 1987, quando criou a Grapho, com Paulo Brito e Fernando Bicudo. A sociedade hoje está restrita a **Kuarup**. Mas a Grapho, dando continuidade a seu projeto, começa em 15 de junho a rodar **A Terra que Tremeu**, em co-produção com a Camera One, da França, e produção executiva da CDK, de Carlos Diegues. O filme, com orçamento aproximado de US\$ 4 milhões, tem roteiro de André Techiné e Jorge Durán e será dirigido por Techiné — considerado o melhor diretor do Festival de Cannes, em 85, com **Rendez Vous**. As atrizes serão Catherine Deneuve e Fernanda Torres.

“Temas contemporâneos e universais, associados a uma estrutura de produção e comercialização

competentes, podem tomar a indústria cinematográfica brasileira competitiva. Se recuperarmos o investimento, o que exige a distribuição no mercado externo, poderemos preencher esse vazio que existe no País com relação à figura do produtor profissional, comprometido com o apoio à realização de filmes” afirma Fonseca.

### SERVICÓ

**Kuarup**, direção de Ruy Guerra, direção de fotografia de Edgar Moura, direção de som de Jorge Saldanha, música de Egberto Gismonti, direção de arte de Helio Eichbauer, produção executiva de Nair Tavares, produção da Grapho. Com Taumaturgo Ferreira.

Fernanda Torres, Cláudia Mamberti, Dionísio Azevedo, Cláudia Raia, Lucélia Santos e Everton de Castro, entre outros. Duração: 110min. Som Dolby Stereo.



### Projeto

## Os muitos meios de divulgar a mensagem

Vêja o filme, leia o livro, ouça o disco, aprecie os quadros, vista a roupa, apóie a Fundação. Na verdade, **Kuarup** é um projeto que envolve uma série de iniciativas culturais destinadas a multiplicar por milhões a mensagem contida no filme — o que se revela uma excelente estratégia de marketing. Junto com ele, serão lançadas novas edições, ilustradas, do livro de Antônio Callado; o disco da trilha sonora de Egberto Gismonti; a exposição, no Brasil e no Exterior, de 15 óleos de Júlio Pomar, pintor português radicado na França; a edição de um livro com fotos de Paulo Marcos sobre a vida dos índios e a cerimônia religiosa do Kuarup; e um documentário de 45 minutos sobre a gestação e a produção do filme, realizado pela produtora Manduri 35 (direção de Mimito Gomes e roteiro de Sérgio de Souza), que está sendo negociado para exibição na BBC, de Londres, na Antenne 5, de Paris, na RAI italiana, na Rádio e Televisão Espanhola e na Rede Globo. Isso, além do interesse

de costureiros internacionais em lançar uma linha de moda com a marca Kuarup, baseada nas cores e tecidos indígenas. E da Fundação Kuarup, cujo objetivo é colocar em prática os valores de preservação da natureza e da cultura indígena contidos no livro e no filme.

Se for concretizada, a negociação com os costureiros europeus poderá gerar os primeiros recursos para a fundação — uma maneira de utilizar a imagem dos índios em seu próprio benefício, como diz Roberto Fonseca. Idealizada durante as filmagens, ela acaba de ser legalizada e reúne nomes como Orlando Villas-Boas, Celso Lafer, José Goldemberg, Justo Pinheiro da Fonseca, Fábio Feldman e Roberto Muiyaert, além do próprio Fonseca, como curador. O valor obtido com os ingressos na **avant-première** do filme também será revertido para a fundação, que busca recursos — através de doativos e da conversão da dívida externa — para projetos de proteção à natureza. Bancos e

organizações alemãs e norte-americanas já estão estudando o assunto.

“O objetivo inicial é angariar fundos para o Parque Nacional do Xingu e, futuramente, apoiar outras tribos, como os yanomami”, revela Fonseca. “Isso poderá ser feito através de convênios com instituições como a USP, dando possibilidade a médicos, dentistas, antropólogos e geólogos de exercer sua atividade junto aos índios.”

Consciente dos riscos envolvidos no delicado relacionamento com os índios — “eles foram traumatizados pelo branco, são ingênuos no contato com ele, mas também podem fazer uso dessa ingenuidade” —, Roberto Fonseca define, desde logo, o que entende por preservação: uma integração administrada e pouco traumática com a civilização branca, que mantenha a cultura e o orgulho da identidade indígena.

“Será que nós, será que qualquer fundação que se crie, será que algum partido político chegará a tocar o coração desses nossos irmãos índios? Ou será que ficaremos tentando fórmulas intelectuais de colaboração com eles?”, pergunta Lucélia Santos, em depoimento gravado para o documentário **Um filme chamado Kuarup**. O cacique Arítana, embaixador da produção junto às outras tribos do Alto Xingu, dá sua opinião:

“Quando falaram da fundação, que vai ter isso e aquilo, tal, eu fiquei muito contente. Agora espero que aconteça, que pode melhorar pra nós. Melhorar que eu falo é pra proteger nossa área aqui, nosso limite, nosso rio. Porque a gente quer proteger esse rio que é importante pra nós, porque todos os caraiá, o branco, não respeita o rio. Jogam muita coisa podre, sujeira e tudo nos rios que eles moram. A cultura do branco eu acho que é a cultura mais difícil que eu achei.” (I.C.)



Índios da tribo kuikuro na cerimônia do Kuarup (foto grande, acima). Na menor, Sônia (Cláudia Raia) bailarina russa e amante do ministro Gouveia (Mauro Mendonça) e, ao lado, o ex-padre Nando (Taumaturgo Ferreira) com os índios kamaiurá



Na primeira foto à esquerda, Ruy Guerra, com parte do elenco e equipe técnica, junto aos índios da tribo kamaiurá. À esquerda, cena da prisão do braço direito do militante Nando, diante do Palácio das Princesas, em abril de 64

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE